

A análise do balanço de grandes empresas mostra que as vendas registraram quedas significativas e tendem a diminuir ainda mais. Com isso, já se prevê para janeiro uma forte onda de demissões.

A recessão chegou. E vai ficar ainda pior.

WANISE FERREIRA

Para vários setores industriais, a recessão já chegou. A queda de faturamento das grandes empresas até setembro foi de 15% em média, segundo levantamento da consultoria Austin Asis, mas até o final do ano poderá ultrapassar 20%. Em alguns setores, como o de informática, a queda foi de 52%, e a indústria química sofrerá retração de até 27%. A construção civil, que tradicionalmente serve como parâmetro para medir o nível de atividades, dá sinais negativos em todos os segmentos.

O faturamento obtido com a venda de materiais de construção será 37% menor este ano, o risco de quebradeiras ronda as empreiteiras de obras públicas e o mercado imobiliário está operando com um dos menores índices de estoque dos últimos oito anos, com uma produção 50% inferior à do ano passado. Para o setor de calçados as vendas chegaram a cair até 30% e o nível de ociosidade atinge 40% do parque instalado.

Na análise do consultor Alberto Borges Mathias, da Austin, a situação só não está mais grave devido à redução dos salários. Ele acredita que a partir de janeiro as empresas não conseguirão mais segurar as demissões, que passarão a ocorrer em grande escala. “Até agora tentou-se de tudo, racionalizar custos, estoques, processos de cobrança, dilatação de prazos de pagamento, mas está chegando a hora de uma forte onda de demissões”, alerta.

“Tudo isso em função de um diagnóstico errado do governo”, acusa o economista Joaquim Elói Cirne de Toledo, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP (Fipe). Ele acredita que a recessão se agravará no início do próximo ano, mas calcula que quando chegar a um ponto mais forte, talvez no final do primeiro trimestre, o governo deverá estimular uma política financeira que reduza os juros de crediários e empréstimos para empresas. Mas assim que a atividade industrial começar a se normalizar, a inflação, que deverá registrar queda até lá, retomará a aceleração.

“A inflação tem problemas estruturais que não foram combatidos”, ressalta. Ele cita como exemplos o déficit público e as dívidas interna e externa. Sem resultados nessa área, a recessão teria de ser permanente.

Grandes empresas

O levantamento realizado pela consultoria Austin Asis, com base nos balanços prévios de grandes empresas até setembro, mostra um agravamento no desempenho de alguns setores, mas ao mesmo tempo registra crescimento em outros. Ao contrário do setor de informática, que terá a maior queda de faturamento, os setores de autopeças e metalúrgico cresceram em média 10% este ano. “Mas a partir de setembro essa situação se inverteu e também esses setores começaram a enfrentar queda no faturamento”, comenta Mathias.

Entre as empresas que tiveram seu balanço analisado, apenas a Caloi conseguiu crescer 11,8% até setembro. A Lojas Americanas, por sua vez, foi uma das últimas do setor de varejo a sentir os efeitos da recessão. Até setembro a queda de faturamento foi de 3,7%, mas se agravou no mês seguinte e chegou a 12%. Nem mesmo a indústria automobilística deve escapar: Mathias calcula que ela fechará o ano com o menor volume da década. Entre os poucos setores que terão crescimento está o de cimento. “Mas isso porque se trata de um monopólio puro”, diz Mathias.

Empreiteiras

Para as empreiteiras de obras públicas, a situação é ainda mais grave, como analisa o presidente da Associação Paulista de Empreiteiras de Obras Públicas (Apeop), Carlos Zveibil. Os governos federal, estaduais e municipais já não dispõem de recursos para manter de seus programas de obras e atrasam o pagamento às empreiteiras.

Pelos cálculos de Zveibil, o débito da União com as empreiteiras chega a US\$ 4 bilhões, enquanto o governo de São Paulo já deve de US\$ 500 milhões a US\$ 600 milhões para as empreiteiras. Somente em São Paulo são 470 empresas, e a grande maioria deverá fechar seus balanços no vermelho.

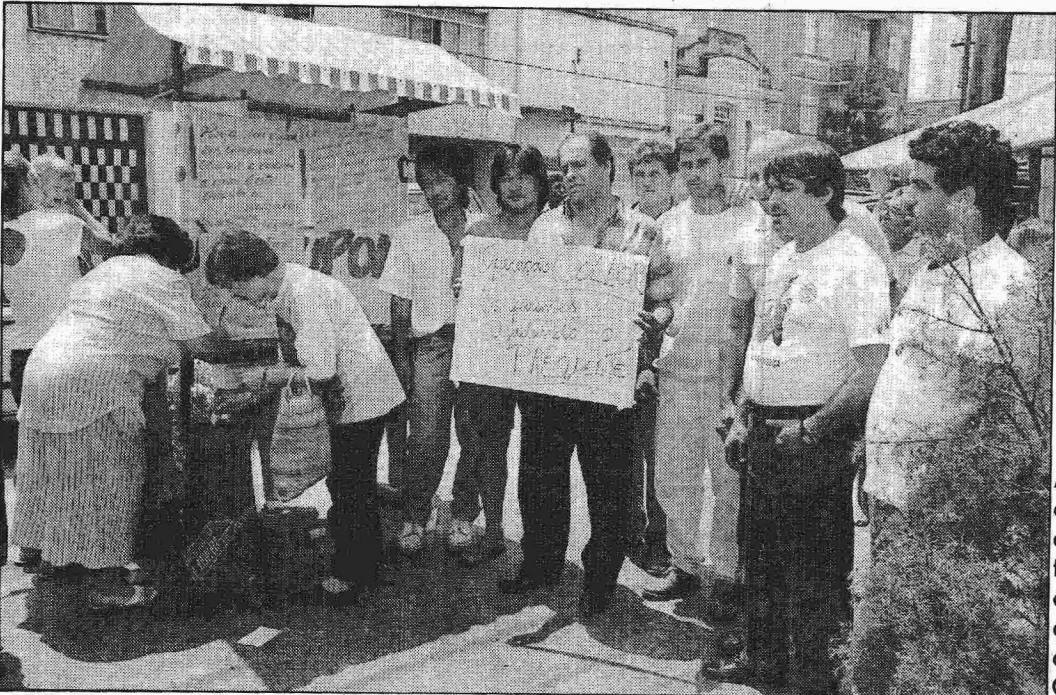


Foto: Milton Mchida / A.E.

As vendas começaram a cair e os feirantes acharam logo a solução: a Operação Collor.

Marileide Bispo ganhou um carrinho cheio de mercadorias. Na barraca do frango, o estímulo: a compra de um quilo dá direito a um jogo da Loto.

